

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO MONARCHICO

DIRECTOR E EDITOR--J. G. Paes de Villas-boas

Redacção e administração--Rua D. Antonio Barroso, n.º 40

Propriedade--EMPRESA DE «O COMMERCIO DE BARCELLOS»

Composição e impressão--Rua D. Antonio Barroso, n.º 40

A carta de El-Rei

Meu caro Teixeira de Sousa

Forçado pelas circunstâncias, vejo-me obrigado a embarcar no «yacht» real «Amelia».

Sou portuguez, e sel-o-hei sempre. Tenho a convicção de ter sempre cumprido o meu dever de Rei em todas as circunstancias, e de ter posto o meu coração e a minha vida ao serviço do meu Paiz. Espero que elle, convicto dos meus direitos e da minha dedicação, o saberá reconhecer.

Viva Portugal!

Dê a esta carta a publicidade que puder.

Sempre muito affectuosamente.

(a) Manuel.

Yacht real «Amelia», 5 de outubro de 1910.

Nobre documento

E' assim intitulado o artigo em que o «Correio da Manhã» aprecia a carta de El-Rei.

«Nobre documento» nem melhor nome podia dar-se a essa carta, que é de Rei e de Portuguez. E quem assim lhe chamou, tão bem sobre elle bordou as ligeiras considerações que á historia é hoje permitido fazer, que era nosso desejo dar como artigo principal essas palavras de justiça e de verdade traçadas por penna de leal portuguez.

Na impossibilidade, porém, de o fazermos, restanos arcar com a responsabilidade, que a custo pude-mos supportar, de aos nossos leitores do campo, principalmente, dizer algumas palavras.

Sem noticias directas dos acontecimentos, apenas cercado por um numero reduzido de amigos fieis, de monarchicos leaes, Sua Magestade El-Rei não teve em 4 de outubro outra ideia que não fosse a de seguir para o norte, vir para esta nossa boa terra concentrar o nucleo de resistencia da Monarchia.

Sob o imperio d'estas ideias se dirigiu Sua Magestade para bordo do yacht «Amelia».

Quaes os motivos que o levaram a desistir do seu plano de vir por terra, quaes os factos que então se passaram e qual a desleal attitude do governo, não pôde ser explanado n'estas breves linhas, nem a occa-

sião permite as referencias e considerações amplas que o caso requer e exige.

—Foi no momento de embarcar que El-Rei escreveu a carta, dirigida ao seu ultimo presidente de conselho.

Momento bem critico em que a viagem para o Porto estava sujeita ás contingencias de um ataque dos revolucionarios ou, como in-felizmente aconteceu?—a um conselho de officiaes, cuja decisão, ainda não pôde ser apreciada, decisão que o conduziu ao exilio em terra estrangeira.

Foi n'essa situação que El-Rei escreveu a carta que não é como não podia ser, uma proclamação ao seu povo, porque documentos d'esses trazem graves responsabilidades e não é assim, n'um momento de incertezas, n'uma atmosfera de lucta, a meio de uma revolução, sem noticias seguras, que pôde ser redigido uma tão importante documento.

Reproduzimos hoje a carta por dois motivos.

O primeiro é o cumprimento de um dever de monarchicos — desfazer uma calunnia, arditosamente espalhada, de que El-Rei fugiu de Portugal nada dizendo ao seu povo.

A carta mostrava bem, se os factos o não tivessem demonstrado antes da sua publicação, em que circunstancias foi El-Rei levado para o exilio.

O segundo é a satisfação

de legitimo orgulho que sentimos ao ver tão bem encarnada a alma nobre portugueza n'esse moço Rei, que ao separar-se do solo querido d'esta Patria que tanto ama, só teve uma palavra de despedida.

Qual foi essa palavra?

Dil-o muito bem o «Correio da Manhã»:

«E o que diga Sua Magestade aos portuguezes n'uma hora que podia ser a extrema da sua vida?

Não teria El-Rei n'esse momento—como ninguem em idênticas condições—nem cabeça nem tempo para elaborar um longo e circunstanciado documento, justificativo dos seus actos, ou annunciador das suas intenções; mas teve consciencia para afirmar como os seus deveres de patriota lhe norteiam sempre os seus actos de Soberano, e teve coração para encerrar a sua carta—scripta n'um d'aquelles instantes em que a verdade recuma pura e nítida, mais do que nunca, dos bicos da penna—com um «viva Portugal», a esse Portugal tão querido, cujo apaixonado amor aliás transparece luminosamente, em cada uma das nobres linhas que hoje publicamos.

Ahi ficam para a historia—comquanto não se destinassem, evidentemente, a tão perduravel vida—as palavras que um moço de vinte e poucos annos não quiz deixar de dirigir ao seu paiz, no momento em que, a conselho do governo, o afastava para o mar uma revolução—para o inar, talvez para a guerra, talvez para o exilio, talvez para a morte. Não haverá quem se não commova á leitura d'essas linhas, acrisoladas no fogo de uma alma juvenil, e tão experimentada pelo soffrimento. Esperamos que ao menos agora encontre termo a campanha maldosa, que sobre a falsa base do silencio do Monarcha pretendia ferir o sentimento que Sua Magestade mais caracteristicamente possui—o amor enternecido, entusiastico, ardente, pela sua terra, pelo seu povo, *po la grey.*»

Nobre documento a carta chama o «Correio da Manhã». Nobre, na verdade, nobilissimo é esse documento.

A carta de El-Rei

«O Correio da Manhã» de 27, publicou o seguinte:

«Como opportunamente noticiamos, a redacção do «Correio da Manhã» pediu telegraphicamente ao sr. Marquez de Lavradio, o favor de obter de El-Rei licença para inserir a carta que Sua Magestade entregou na Ericeira, a bordo da yacht «Amelia», ao sr. Serrão Franco, com destino ao sr. Teixeira de Souza. Esse documento já fora, aliás, publicado em alguns jornaes estrangeiros; mas não quizemos nós reproduzi-lo, sem obtermos a certeza de que El-Rei o tinha por conveniente; conforme a nós próprios se afigurava.

Devidamente autorizados agora, por communicação que se dignou transmitir-nos o secretario particular de El-Rei, publicamos em seguida a copia fiel da referida carta, que o Monarcha pretendeu fazer chegar ás mãos do seu ultimo presidente do conselho.»

O «Correio da Manhã», querellado

No domingo ultimo fomos surpreendidos pela noticia de que havia sido querellado o nosso brilhante collega «Correio da Manhã».

O artigo, que ao gabinete negro,—bem negro n'este caso, pois foi o sr. Henrique de Vasconcellos quem promoveu a querella—mereceu tão cariñhosa attenção, é devido á penna do talentoso jornalista e redactor em chefe d'aquella folha, sr. dr. Annibal Soares. Com algumas ligeiras differenças e uma outra muito fundamental—a falta de vigor e colorido na nossa penna relativamente á de Annibal Soares—o artigo tomado para corpo de delicto é moldado nas mesmas ideias que o nosso editorial de sabbado, 24.

E, com franqueza, ao receber a noticia da querella de Lisboa, sentimos um certo calor nas barbas, aliás muito justificavel, demais dando-se o caso de ir em crescendo o *trop de sête* da tropa adhesiva.

Entre os catholicos, ainda os mais orthodoxos, a infallibilidade papal, apesar de accete como dogma religioso, é restricta o mais possivel aos dominios do sobrenatural, e, apesar de dogma, ainda ha casos em que os theologos sentem muitas duvidas na sua applicação, que procuram restringir.

Poderá parecer exquisito, inexplicavel mesmo, que para aqui venhamos trazer a infallibilidade Papal ou outra materia theologica, quando o caso de que se trata, se passou e passa nem mais nem menos do que na vigencia de uma Republica, que aos quatro ventos se apregoa liberal, tão liberal e tão avançada, que até os tempos presentes não attingem a grandeza e

o alcance de tanta liberdade e tanto avanço.

Pois não é assim. A infallibilidade do Papa, em todo o seu rigor, é muito menos dogmatica do que a infallibilidade do governo da Republica.

Alguns artigos dedicamos á liberdade de imprensa, a que em tempos chamavamos «sagrado direito» e a que hoje só podemos chamar—beneficio concedido pela magnanimidade governamental.

Mas, por mais que esperassemos, por muito que esperassemos, nunca pensamos na possibilidade de ver assim tão nobre e justamente applicada a lei.

Já de si estreita, já de si retrograda e absolutista, a lei é feita para nós; para os que mantemos integros os nossos principios monarchicos.

Por cima de tudo isto, a cuja confirmação estamos assistindo, a querella movida ao «Correio da Manhã», veio dar-nos mais uma prova—a de que por mais que, nós monarchicos, procuremos evitar a acção da lei, não basta isso para garantir-nos por que, sem mais nem menos, sem justificação de especie alguma—um magistrado qualquer, ou por ordem do governo, ou por zelo adhesivista ou ainda por erradas noções de grammatica—pôde, a seu bel prazer mimosear-nos com uma querella.

Porque é preciso não esquecer que na aula de portuguez, de um lyceu colonial, foi ouvido o seguinte dialogo:

«Professor—Que côsi são gramátique portuguese?

Alumno—Gramátique portugueze são aquelli cosi qui ensinse á papiá e rabiscá bem feito lingua portugueza.»

Estamos escrevendo em plena Republica, que o partido republicano promettia toda prodiga de liberdade, toda de paz e de amor, de uma Republica que até a «Fraternidade» adopta como formula official, e—apesar de tanta coisa promettida—estamos escrevendo entre a espada de gumes afiados e irregulares da lei d'imprensa e a da ordem governamental dos boatos alarmantes, tendo como gravata a corda elastica da apprehensão.

Estamos nós—os monarchicos—porque as injurias, as grosserias que os órgãos que representam o governo no Sagrado Tribunal, nos dirigem todos os dias, são escriptas na mais despejada e provocadora das linguagens—e porque os jornaes republicanos, que representam elementos que o governo teme—a elle dirigem criticas e ataques muito mais duros, asperos e incisivos, do que os nossos,

Mas... de que valem todos os protestos por mais juridica base que tenham e por mais moralidade que encerrem?

O governo não proclamou a Republica, porque o trabalho estava já feito e concluido pelo sr. Teixeira de Souza, do que ninguem duvida, mórmente depois da publi-

cação do relatório revolucionario do sr. Sá Cardoso.

E já que não proclamou a Republica, proclamou a infallibilidade e em especial a do sr. ministro da justiça, cujos actos, de ora avante, são indiscutíveis por nós.

—Para o «Correio da Manhã» vae n'este momento toda a nossa sympathia, mais ainda, vae toda a nossa admiração.

A responsabilidade foi tomada pelos nossos distinctos collegas Annibal Soares e Alvaro Pinheiro Chagas. E, caso curioso, o advogado dr. Mario Pinheiro Chagas é nem mais nem menos que o editor do jornal, pois ao «Correio da Manhã» repugna e muito justamente, o uso vergonhoso do classico *têsta de ferro*.

NOTAS

Desabafos

Com este titulo publica o «Correio da Manhã» de 27, um recho muito interessante, a proposito do neo-republicanismo do «Imparcial», terminando assim:

«Como se deu no nosso illustre collega a conversão?

Que factos se deram na madrugada de 4 d'outubro para a tarde de 5 do mesmo mez que tivessem levado o nosso illustre collega a entender que as boas ideias eram as republicanas e não as monarchicas?

Se a republica proclamada em 5 d'outubro fosse derrubada em 6, o nosso illustre collega voltava a ser monarchico ou republicanot? Ha interesse em saber isto, porque enfim, desde que vemos um adherido fallar com desdem e irritação dos que honradamente se mantiveram no seu posto, fieis ás suas ideias e aos principios, desejamos profundar-lhe o espirito para saber se esse adherido se firmou por conversão subita, por conveniência ou por medo.»

Não sabemos o que respondeu o «Imparcial», se é que respondeu.

Mas como vem aquillo tallhado para a «Era Nova», adherida local?

Se a Republica fosse derrubada em 6? pergunta o «Correio da Manhã».

Pois não sabe? E' facil: a resposta é a mesma que ao «Correio da Noite» deu o sr. Alpoim, quando era perguntado todos os dias «se o movimento de 28 de janeiro tivesse vingado, o sr. Alpoim ficaria monarchico ou republicano?»

Nunca respondeu, n'esses tempos idos.

A resposta veio a 5 d'outubro.

Querem mais claro?

Confronto

Do «Janciro» de 25, em carta de Manaus:

1.º de Dezembro—A data gloriosa da restauração de Portugal era sempre lembrada pela colonia portugueza de Manaus, em festas intimas, onde havia muita alegria e discursos cheios de patriotismo. E rara era a casa portugueza que n'esse dia não arvorava a nossa linda bandeira azul e branca.

Este anno não me consta ter havido festas da colonia; e a nova bandeira apenas foi vista no consulado.

Como a ideia republicana tem *leptos* n'essa nossa tão patriótica colonia!

«S) no consulado», diz a carta, esquecendo-se de acrescentar: e ahi porque o governo ordenou.

As creanças

O «Diario de Noticias», jornal adherido, publicou, ha dias, em editorial, uma longa serie de considerações em que deixa entrever a pouca sympathia com que o referido collega vê essas paradas de creanças em actos publicos, movendo-se, quedando-se ou agitando-se de harmonia com as inflexiveis exigencias de um ceremonial, pequeninos comparsas que debutam na grande comedia social.

E, como é de uso na imprensa republicana, e muito mais na adherida, o collega pede a attenção dos altos governantes da Republica.

Estamos de accordo com a these defendida pelo «Noticias», se é, como parece, a que entrevemos nas suas palavras.

Mas que pretende fazer?

O partido republicano, que sempre fez uma opposição de *chantage*, tinha desde ha muito tempo o exclusivo dos *trucs* em manifestações politicas.

Para augmentar-lhes o brilho, para coonestal-as muitas vezes, o partido republicano explorava creanças, a quem ministrava uma instrução sectarista, e de quem se servia para tirar effeitos, resultando, afinal, que, dando mesmo de barato a avaria da instrução ministrada, partindo mesmo da falsa hypothese de que era sã essa instrução, ainda assim era o partido republicano quem sabia ganhando no negocio, e ganhando muito.

Da opposição levou para o governo a mesma mania exhibicionista.

E' possível, portanto, que não sejam precisas as creanças.

Propaganda republicana

«... que o templo do povo é a escola, e não a igreja...»

São palavras de um conferente republicano, publicadas pelo «Diario de Noticias» de 27, em correspondência de Pego (Abrantes).

Fazer commentarios? Não vale a pena.

Sem commentarios

No «Correio da Manhã» de 10 do corrente vem copiado do «Imparcial» de Madrid de 5 do mesmo mez, a noticia de que S. M. o Rei de Hespanha D. Alfonso XIII enviou um importante donativo á familia do capitão Barros, de infantaria 16, morto pelos revoltosos, na parada do quartel, quando, em defeza do Dever, procurava dominar os.

Nenhum jornal republicano fez referencia a esta noticia.

Em telegramma de Madrid, com data de 26, publica o «Janeiro» o seguinte:

«Consta que o imperador Guilherme communicou ao governo portuguez a sua renuncia do cargo de coronel honorario de um regimento de cavallaria, allegando para isso a sua incompatibilidade com as ideias portuguezas e accrescentando ainda que a sua dignidade não lhe consente pertencer a um regimento que deserviu o seu rel.»

Sem commentarios é o titulo d'estas noticias. Sem commentarios, pois.

Na antiga municipal

O governo decretou a reforma de todos os militares d'esta guarda republicana, promovidos por distincção em premio de serviços á republica e que, por serem analfabetos, ou mal saberem ler, não possam desempenhar os serviços dos postos a que foram promovidos.

Com esta emenda, mais aumenta a riqueza publica.

Contra o sexo fragil

Conta o «Correio da Manhã» que o governo deu ordens rigorosas para que sejam castigadas as pessoas do sexo fragil que espalhem «boatos alarmantes», os taes celebres «boatos alarmantes».

Muito bem conclue o nosso referido collega:

«Pretender obrigar os portuguezes a andarem pelas ruas e cafés de bico fechado, já é obra temeraria; mas pensar que se pôde fazer calar uma mulher com decretos dictatoriaes, é perfeitamente um acto de loucura.»

Ainda a carta de El-Rei

A imprensa governamental «espirra lume» por causa da publicação da carta de Sua Magestade. E' claro. A publicação da carta atira a terra toda a campanha falsamente baseada no silencio do Monarcha.

Diz a referida imprensa que El-Rei não ia para o Porto, porque se fosse dizia... ao sr. Teixeira de Souza.

«El-Rei ia para o Porto. Mas se alguma necessidade de alguma precaução havia a tomar era de occultar esse plano ao sr. Teixeira de Souza.» Diz muito bem o «Correio da Manhã».

A facieira de inventar conspirações e revoltas para opprimir, não é nova; assim subjugou Placido os athenienses, Dionisio os syracusanos.

M. CARVALHO — *Aphorismos.*

O DECRETO DE 29

Causou sensação o decreto dictatorial de 29, que mais ainda vem alargar a esphera de *arbitrio* e *liberdade* em que vamos vivendo nos ultimos tempos.

Duas notas curiosas forneca este diploma.

A primeira é a incoherencia de um partido que gritou e barafustou sempre contra o juizo de instrução de Lisboa, e contra o facto de a elle estar confiado o julgamento exclusivo dos crimes contra as instituições e o Estado. Hoje o mesmo partido applaude e ordena precisamente o contrario—que todos esses crimes e mais alguns, cuja importancia é cuidadosamente augmentada, sejam de exclusiva competencia dos tribunaes de Lisboa e Porto.

A falta de espaço e de... liberdade não nos permite mais largas apreciações.

Acabou-se com a Bastilha, mas crearam-se duas e mais completas.

A segunda curiosidade está na occasião em que apparece o decreto.

Em 6 ou 7 de outubro não nos espantava, apesar da incoherencia apontada. Mas a 29 de dezembro, depois de tres mezes de uma Republica, implantada sem sangue e que tem firmado os seus creditos por tantas formas e feitos, é coisa que não comprehendemos.

Em Lisboa

Do «Diario de Noticias» (jornal adhesivo) de 27:

«Por causa da prisão d'um gatuno»

E' ameaçada de morte uma familia cujo chefe elle roubara

O sr. Mantas, estabelecido na azinhaga do Pote d'Agua, ao Campo Grande, queixou-se ante-hontem, á policia de que os gatunos lhe tinham assaltado o quintal, roubando-lhe 36 coelhos.

A policia capturou, como auctor do roubo, Antonio Simões, fupileiro, conhecido gatuno de criação.

O Antonio Simões, foi conduzido para o governo civil e sendo passada busca em casa, no Pote d'Agua, encontraram-lhe seis cadeiras, uma poltrona, uma mesa de jogo, duas gallinhas; um canario, tendo já vendido um gallo, tudo pertencente ao chefe de policia Amaral, da esquadra do Campo Grande, a quem roubara, quando da revolução.

Alguns amigos do preso, armados de paus, foram, ante-hontem, ameaçar de morte o sr. Mantas e sua familia, os quaes tiveram de fugir pelos quintaes para não serem victimas dos aggressores.

A policia por se encontrar desarmada limitou-se a participar o facto para a guarda republicana, indo ali uma força de cavallaria, sob o commando de um sargento, que não chegou a prender os provocadores que já haviam fugido.

Hontem, pessoa da familia do sr. Mantas, foi ao governo civil pedir providencias para evitar alguma aggressão por parte dos mesmos individuos.»

«Conflictos graves»

Rufias, vadios e fadistas — **Reclamam-se uma limpeza urgente á cidade**

Não é costume do *Diario de Noticias* exaggerar os acontecimentos. Faz isso parte do seu inalteravel programma nos 46 annos da sua existencia, demonstrando a sua imparcialidade no relato dos factos, com o mais ananime applauso do publico.

A missão que representamos, obriga-nos, pois, a mais uma vez, d'zer desasombradamente da nossa justiça, que é a de toda a população honesta e ordeira da nossa cidade.

Lisboa necessita uma limpeza moral completa; precisa que a policia mantenha a sua auctoridade e o seu prestigio, garantindo o socego e a propriedade dos seus habitantes, e não hesitando um momento só em tomar o seu lugar de garantia dos cidadãos, respeitando-os, mas fazendo-se respeitar por sua vez.

E' necessario, é urgente, é indispensavel que isso se faça e já, sem a menor hesitação, para tranquillidade dos moradores da capital, para socego da gente honesta e digna que a habita.

Que a auctoridade, que é a garantia d'esse socego e d'essa tranquillidade, não hesite um só momento no cumprimento dos seus deveres e que quem a dirige lhe dê toda a força moral de que ella careça para esse fim.

A nossa folha é hoje um lastimavel repositorio de desordens, de furtos, de conflictos e de desastres.

Rufias, vadios, fadistas, lutam com a policia; automoveis, em carreiras desordenadas, atropelam nas ruas; gatunos audaciosos, atacam as habitações e os transeuntes!

E' preciso pôr cobro e immediatamente, a este estado de cousas, limpar a cidade de Lisboa e policia-la convenientemente, como uma capital da Europa.

Vamos referir alguns dos graves acontecimentos que occorreram ante-hontem, n'esse dia de Natal, que por todos os motivos, era consagrado á familia e que devia ser de paz e alegria.»

Segue o relato de varias occorências, algumas das quaes tiveram o seu teatro nas ruas e praças mais centrais de Lisboa.

O relato succinto occupa duas largas columnas do grande jornal.

Para fechar mais uma curiosa noticia:

Em Alcantara

o chefe d'um batalhão revolucionario, agredido por um grupo de individuos, defende-se a tiro.

O chefe do batalhão revolucionario da freguezia de Alcantara, quan-

do hontem passava na rua da Cruz em Alcantara, foi atacado por varios individuos que o agrediram.

Aquelle senhor, puxou, então de um revolver e disparou um tiro para intimidar os aggressores, que fugiram.

A policia capturou o chefe do batalhão e conduziu-o ao governo civil, onde foi solto, depois de expôr como o facto se tinha passado.

Os taes batalhões hão-de dar muito bom resultado, como já previmos.

Emquanto é lá entre elles, é deixal-os expandir á vontade as suas faculdades bellicosas.

Pode chegar-se á liberdade por dois caminhos: pela moralidade e pela instrução. Mas quando a moralidade e a instrução faltam ao mesmo tempo: quando se não pode ser nem republicano ao modo de Sparta, nem republicano ao modo dos Estados Unidos, a liberdade poderá ainda conquistar-se, mas não se ha-de saber guardar.

CHATREUBRIAND.

Ao «Radical».

Este nosso novo collega, para quem a Republica é uma formula de transição, necessaria para poder atingir-se uma formula mais perfeita e avançada, dedica o seu artigo de fundo ao «Commercio».

Talvez pelo muito que estamos aferrados a principios, que o collega considera velhos, reaccionarios e atrazados, talvez porque a nossa intelligencia fraca não pôde acompanhar os altos vãos do «Radical»; o certo é que ainda não conseguimos atingir bem esse ideal de luz intensa e viva que elle se propõe alcançar.

E', quiçá, alguma luz nova, de raro brilho, de viva incandescencia.

Emfim, manquejando, lá vamos ao artigo citado, sem receios de derrota, porque, apesar de velhos e rançosos, temos o apoio solido de convicções que não quebram nem torcem.

Diz o collega que nós, os monarchicos, não trabalhamos por convicção.

Então porque trabalhamos?

Se a Monarchia morreu, se morreu para sempre, se a Republica ahi está a inundar-nos de luz, n'um diluvio eterno, que esperamos nós, monarchicos, incompatibilizados com o systema, nada d'elle aceitando, qualquer que seja a hypothese?

Quem nos levou a crear tal situação?

Nada devemos á Monarchia; que, com desinteressada dedicacão, servimos e continuamos servindo.

E' possível, mesmo muito possível que, alguma vez, errassemos quando pensavamos servil-a.

E' cedo ainda para se fazer a historia, alem de que não é, nem no actual momento, nem nos estreitos limites de um jornal, e pequeno, possível fazer-se uma detida distincção e analyse de factos passados, unica forma de conseguir-se o fecho de conclusões seguras e serias.

Quaes os factos do passado que merecem a nossa critica e quaes os factos que merecem o nosso applauso, quaes as occasiões em que hoje reconhecemos ter errado, não é possível enumerar assim, com a mesma facilidade com que se pôde ena-ter o publico, com a exhibição de theorias sublimes,

que, talvez, só os raros comprehendam.

Queremos uma monarchia, tal como ella deve ser — tal como é na Inglaterra, na Italia, na Noruega, na Suecia, tal como é nos paizes mais adiantados em progresso moral e materia'.

Queremos a forma monarchica, a verdadeira forma monarchica, essa que ao collega tambem não desagrada, talvez porque na forma republicana, na experiencia portugueza, já destruiu algumas esperanças e illusões.

Pelo que diz respeito dos que mudam de convicções, caro collega, bem sabemos que o caso não é, nem pôde ser, como nosco. Aquelles que na Monarchia, mais attenta dos politicos praticaram não estão hoje cá, foram adherir á Republica, pelo que lhes estamos muito, muitissimo gratos.

Idolos não temos, nem tivemos nunca.

O «Commercio de Barcellos» existe hoje com este nome pela simples razão dos seus vinte e um annos de existencia. Era talvez melhor mudar de nome, para assim melhor significar a sua attitude de semanario monarchico, absolutamente independente de homens, partidos ou clientellas.

Mas que importa o nome, se é que esse nome pôde ferir, tão fundamentalmente, inexplicaveis e até pittorescas, susceptibilidades?

O nosso passado de fieis monarchicos, sem nada pedir nem dever á Monarchia, o nosso presente, em que repudiamos para sempre todo e qualquer beneficio pessoal da forma republicana, parece-nos bem que nos dá o incontestavel direito de mantermos integras as nossas creanças e de por ellas exigir mos o respeito de todos.

Fique-se com esta o collega e não tema essas convulsões que a nossa attitude possa causar.

Nós sempre condemnamos as *bernardas*, as perturbações arruaceiras. E, creia, somos coherentes com estes principios.

Não fazemos transplantações. Essas são feitas por quem na opposição criticava a politica de odios e perseguições, para depois as praticar muito *luminosamente*.

—Para fechar: custa-nos ver um collega nosso, que com tantos primores se apresenta, que tão branca luvã annuncia e que afinal... nos dá um artigo cheio de «disparates, dispautes» e outros mimos.

benemerito titular sr. Conde de Agrolongo, tem prestado á Misericordia d'esta villa, concedendo grandes donativos para as obras do seu hospital.

Agora, pelas festas do Natal, enviou o sr. Manoel Lopes Leal, de S. Paulo, a seu irmão o sr. Antonio Lopes Leal, capitalista residente na Pousa, mais a quantia de 500.000 réis, para este nosso amigo applicar, como entender, em beneficio dos pobres e mais 200.000 réis para as escolas e pobres da sua freguezia.

Tambem o nosso amigo sr. Leal recebeu do bondoso e venerando titular sr. Visconde de Soutello, uma quantia para o mesmo fim, escolas e pobres da Pousa, á qual o sr. Leal juntou outra do seu bolso, prezando a importancia de 135.000 réis, que este nosso amigo já distribuiu, na sua freguezia.

Bem hajam os benemeritos que, apesar de ha muitos annos longe da sua patria, não esquecem a pobreza da sua terra e antes d'ella se lembram a cada passo, enviando-lhe valiosos donativos, como já temos registado.

Saudamos respeitosamente estes homens de coração e caracter, que nada devendo á sua patria e que bem longe d'ella, conquistaram, pelo seu esforço intelligente e probidade, a situação proeminente que desfructam, não recusam o seu auxilio quando se trata dos pobres do seu concelho e á instrução publica tem dispensado beneficios importantes. E' um nobre exemplo o seu. Bem hajam.

Santa Casa da Misericordia

Chega-nos a noticia da dissolução da digna meza administrativa da Santa Casa da Misericordia.

Segundo as ultimas informações que recebemos, a meza dissolvida reúne hoje para deliberar sobre este importante assumpto, constando-nos que tenciona pedir uma syndicancia aos seus actos.

Por termos o nosso jornal já completo, deixamos para o proximo numero as considerações que o caso merece, nos estreitos limites da liberdade que nos é permitida.

Missas

Suffragando a alma da malograda professora sr. D. Maria Ernestina da Rocha Vieira, celebrou-se na ultima terça-feira, na igreja do Recolhimento e Azylo do Menino Deus, um terço de missas, á que assistiram, alem da commissão administrativa d'aquella sympathica instituição, grande numero de pessoas das relações da saudosa extincta.

Espectaculo

Em beneficio das victimas da revolução de 5 d'outubro, realiza-se amanhã á noite, no theatro Gil Vicente, um espectáculo promovido pela corporação dos sargentos do 3.º batalhão d'infanteria 3.

Toma parte n'este espectáculo, abrilhantando-o, a magnifica banda d'infanteria 8.

NOTICIARIO

Os benemeritos

Temos hoje a registar, com a mais viva satisfação, outras benemerencias de illustres e bondosos filhos d'este concelho, a quem já, por vezes, aqui temos rendido a homenagem devida, informando os leitores dos importantes donativos que tem concedido, para melhoramentos na sua freguezia natal, a Pousa, e aqui, á Santa Casa da Misericordia. Fallamos dos srs. Visconde de Soutello, Manoel Lopes Leal e irmão, o nosso presadissimo amigo e benemerito mesario da Santa Casa o sr. Antonio Lopes Leal, estimavel cavalleiro residente na freguezia da Pousa, a quem a nossa terra deve muita admiração e respeito pelos valiosos serviços que lhe tem dispensado e os pobres tributam a mais sentida gratidão pela protecção que s. ex.ª, com mais outro respeitavel barcelense, o sr. Dias Neiva, e o

NOTICIARIO

Os benemeritos

Temos hoje a registar, com a mais viva satisfação, outras benemerencias de illustres e bondosos filhos d'este concelho, a quem já, por vezes, aqui temos rendido a homenagem devida, informando os leitores dos importantes donativos que tem concedido, para melhoramentos na sua freguezia natal, a Pousa, e aqui, á Santa Casa da Misericordia. Fallamos dos srs. Visconde de Soutello, Manoel Lopes Leal e irmão, o nosso presadissimo amigo e benemerito mesario da Santa Casa o sr. Antonio Lopes Leal, estimavel cavalleiro residente na freguezia da Pousa, a quem a nossa terra deve muita admiração e respeito pelos valiosos serviços que lhe tem dispensado e os pobres tributam a mais sentida gratidão pela protecção que s. ex.ª, com mais outro respeitavel barcelense, o sr. Dias Neiva, e o

NOTICIARIO

Os benemeritos

Temos hoje a registar, com a mais viva satisfação, outras benemerencias de illustres e bondosos filhos d'este concelho, a quem já, por vezes, aqui temos rendido a homenagem devida, informando os leitores dos importantes donativos que tem concedido, para melhoramentos na sua freguezia natal, a Pousa, e aqui, á Santa Casa da Misericordia. Fallamos dos srs. Visconde de Soutello, Manoel Lopes Leal e irmão, o nosso presadissimo amigo e benemerito mesario da Santa Casa o sr. Antonio Lopes Leal, estimavel cavalleiro residente na freguezia da Pousa, a quem a nossa terra deve muita admiração e respeito pelos valiosos serviços que lhe tem dispensado e os pobres tributam a mais sentida gratidão pela protecção que s. ex.ª, com mais outro respeitavel barcelense, o sr. Dias Neiva, e o

NOTICIARIO

Os benemeritos

Temos hoje a registar, com a mais viva satisfação, outras benemerencias de illustres e bondosos filhos d'este concelho, a quem já, por vezes, aqui temos rendido a homenagem devida, informando os leitores dos importantes donativos que tem concedido, para melhoramentos na sua freguezia natal, a Pousa, e aqui, á Santa Casa da Misericordia. Fallamos dos srs. Visconde de Soutello, Manoel Lopes Leal e irmão, o nosso presadissimo amigo e benemerito mesario da Santa Casa o sr. Antonio Lopes Leal, estimavel cavalleiro residente na freguezia da Pousa, a quem a nossa terra deve muita admiração e respeito pelos valiosos serviços que lhe tem dispensado e os pobres tributam a mais sentida gratidão pela protecção que s. ex.ª, com mais outro respeitavel barcelense, o sr. Dias Neiva, e o

NOTICIARIO

Os benemeritos

Temos hoje a registar, com a mais viva satisfação, outras benemerencias de illustres e bondosos filhos d'este concelho, a quem já, por vezes, aqui temos rendido a homenagem devida, informando os leitores dos importantes donativos que tem concedido, para melhoramentos na sua freguezia natal, a Pousa, e aqui, á Santa Casa da Misericordia. Fallamos dos srs. Visconde de Soutello, Manoel Lopes Leal e irmão, o nosso presadissimo amigo e benemerito mesario da Santa Casa o sr. Antonio Lopes Leal, estimavel cavalleiro residente na freguezia da Pousa, a quem a nossa terra deve muita admiração e respeito pelos valiosos serviços que lhe tem dispensado e os pobres tributam a mais sentida gratidão pela protecção que s. ex.ª, com mais outro respeitavel barcelense, o sr. Dias Neiva, e o

A «Era Nova»

Em perfeita coherencia com as ideias por nós expostas e em vista da attitudie impenitente da «Era» pómosponto na polemica que, comonosco, travou este nosso collega, a quem, por um amor excessivo á clareza, que nem para toda a gente serve, demos explicacões bem gastadas, e com quem gastamos bem demastado tempo.

Sentimos profundamente que essas tão avançadas ideias, que o collega professa desde 5 d'outubro ultimo, ainda não tivessem produzido um effeito salutar. — o de conseguir que o collega se mantenha nas suas luctas jornalisticas com mais um bocadinho de compostura.

Para o Brasil

No comboio expresso da manhã d'hoje, seguiu para Lisboa, onde deve embarcar com destino ao Rio de Janeiro, o nosso presado amigo o patricio sr. Augusto Soucasaux, que ha inesses se encontrava n'esta villa de visita a sua familia.

Augusto Soucasaux, que é um barcellense muito illustrado e intelligente, aqui muito estimado pela sua honestidade e character, vai tomar parte na direcção de um importante estabelecimento photographico da capital do Brasil, o que é prova brilhante da sua alta competencia artistica.

Com este nosso amigo seguiu tambem, hoje, o sympathico empregado commercial sr. Antonio Carmana Coelho Gonçalves, filho do nosso querido amigo e considerado negociante n'esta villa sr. Comendador Manoel Joaquim Goelho Gonçalves.

«Jornal Popular»

Honrou-nos com a sua visita este magnifico bi seminario catholico que vê a luz da publicidade em Vianna do Castello.

Fallecimentos

Na freguezia de Chorente, d'este concelho, falleceu, na sexta feira penultima, a veneranda mãe do sr. dr. Luiz da Cruz Ferreira, medico n'esta villa e membro da comissão municipal.

A bondosa extincta que contava 78 annos d'idade, e era uma excellente senhora, já ha muito se encontrava doente.

O seu funeral realisou-se na ultima segunda-feira, em Chorente, assistindo muitas pessoas d'esta villa e das freguezias vizinhas, que alli compareceram a testemunhar a sua sympathia á familia enlutada.

Ao sr. dr. Luiz Ferreira e demais doridos, apresentamos sentidos pesames,

Em casa de sua mãe a ex.^{ma} sr.^a D. Laura de Miranda Menezes, na quinta de Cruges, freguezia de Gondifellos, Famalicao, falleceu ha dias o sr. Henrique Manoel de Miranda, brioso e illustrado alferes d'infanteria 3.

Surprehendeu-nos dolorosamente esta noticia, porque, embora soubessemos que o desditoso official se encontrava doente, nunca imaginamos que o seu estado fosse tão grave e muito menos que essa doença o victimasse tão rapidamente.

O sr. alferes Henrique de Miranda, que ha pouco mais de um anno fazia serviço no 3.^o batalhão d'infanteria 3, era aqui muito considerado por todos os seus camaradas, e estimadissimo por todas as pessoas que, durante a sua estada n'esta terra, tiveram occasião de apreciar os seus bellos predicados de intelligencia e de character.

Sentindo profundamente o fallecimento do malogrado official, apresentamos a toda a sua familia as nossas condolencias.

Em Santa Maria do Abade do Neiva, tambem falleceu ha dias o sr. João Joaquim Ferreira, proprietario, d'aquella freguezia.

O finado era pae do sr. Manoel Joaquim Ferreira e cunhado do sr. Manoel Antonio d'Almeida, acreditados commerciantes n'esta villa a quem, como á demais familia enlutada, enviamos os nossos pezames.

Na freguezia de Perelhal tambem se finou ha dias, a sr.^a Maria Joaquina Duarte, abastada proprietaria.

Cinematographo

No theatro Gil Vicente d'esta villa funciona d'este hontem um magnifico cinematographo Pathé, sob a direcção do distincto operador do salão de D. Carlos, do Porto, sr. D. André Bazan.

«A Aurora do Lima»

Este nosso presado collega de Vianna do Castello, decano dos jornaes do Minho, vai começar agora a reeditar todos os folhetins que para alli expressamente escreveu o grande romancista Camillo Castello Branco.

Estes folhetins serão publicados na Aurora do Lima, paginados, de maneira a poder formar um magnifico volume.

Bombeiros Voluntarios

Para commemorar o 27.^o anniversario da fundação da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos e ainda para n'essa occasião serem distribuidas recompensas a alguns socios activos, como lhes confere o respectivo regulamento, por terem completado periodos entre 5 e 20 annos de bom e effectivo serviço, resolveu a digna direcção d'esta sympathica instituição, realisar uma sessão solemne, que deve ter logar no seu edificio, pela 1 hora da tarde da proxima sexta-feira, 6 de janeiro.

Haverá tambem n'esse dia, alem de uma missa por alma dos socios fallecidos, a que assistirá todo o corpo activo com a respectiva banda, e que deve ter logar pelas 10 horas da manhã, no templo da Ordem Terceira, diversas manifestações de regosijo, com musica e illuminação no edificio da Associação, e ainda exercicio geral e simulacro d'incendio, realisando-se este pelas 4 horas da tarde.

Agradecemos ao convite com que nos honraram para assistir á sessão solemne.

Ao correio

Queixam-se alguns dos nossos estimaveis assignantes de que não recebem o «O Commercio de Barcellos» com a regularidade que ora para desejar, fallando-lha algumas semanas o jornal.

O mesmo tem succedido com alguns collegas com quem permutamos, como por exemplo o «Correio da Manhã», de Lisboa, que ha algumas semanas não recebe o nosso jornal, apesar de por duas vezes lhe termos enviado os números que lhe faltavam.

A quem compete pedimos providencias, se é que ainda são ouvidas as nossas queixas, e pedimos as, não só porque estas irregularidades nos prejudicam, mas tambem porque a falta não é nossa. Na administração do nosso jornal ha sempre o maior cuidado com a sua expedição para o correio.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, sempre a terrivel falta de espaço com que luctam os jornaes de pequeno formato, não podemos publicar n'este numero as costumadas Criticas e algumas noticias que já estavam compostas.

Dia a dia

- Fazem annos Amanhã, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Gloria Antunes e o sr. Manoel Augusto d'Araujo Passos. Dia 3, o sr. Arthur Lopes Varella d'Albuquerque. Dia 5, a ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Julia Peixoto de Azevedo Brito. Dia 6, os srs. Arnaldo Candido Furtado d'Antas e José Ferreira de Lemos.

A passar as festas do Natal com suas familias, vimos n'esta villa: o sr. Fernando Vieira Ramos, conceituado commerciante no Porto; Antonio Augusto Fiuza de Mello, digno escrição-notario em Famalicao; dr. Alfredo Moraes d'Almeida e ex.^{ma} esposa; Francisco e Gualter Martins da Costa Soares; Sebastião d'Azevedo e ex.^{ma} esposa; Francisco Ribeiro, acreditado negociante no Porto; Arnaldo e Alberico Miranda; Domingos Carneira; José Duarte de Souza, e esposa e filha, etc.

—Esteve na sua casa de Deuchriste, Vianna do Castello, o sr. dr. Arriscado de Lacerda, meritissimo juiz d'esta comarca.

—Com suas gentis filhas encontram-se na sua casa da Castanheira, d'esta villa os srs. viscondes de Godim.

—Esteve ha dias no Porto o nosso respeitavel patricio sr. José de Beça e Menezes.

—Vimos na ultima quinta-feira em Barcellos o nosso estimavel patricio sr. Visconde da Barrosa, residente em Vianna do Castello.

—Tambem aqui esteve no mesmo dia o sr. dr. Adolpho Sampaio, antigo administrador d'este concelho.

—Tem estado na Arrifana (Villa da Feira) o sr. dr. José Belleza dos Santos, distincto advogado n'esta comarca.

—Da sua casa de S. João de Villa Boa retiraram para a Foz do Douro a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Vieira Borges e ex.^{mas} filhas.

—Com sua ex.^{ma} esposa sahio ha dias para Coimbra o sr. dr. Oliveira Pinto, advogado n'esta comarca.

—Estiveram ha dias no Porto os srs. Manoel Ramos de Paula e José Claudio Pereira Balthazar.

—Tambem estiveram na mesma cidade o sr. Matheus Lopes dos Santos e esposa.

—Veio passar as festas do Natal com sua familia o nosso amigo sr. Anthero de Faria, pharmaceutico e alumnado da Escola Superior de Pharmacia do Porto.

—Vimos na ultima quinta-feira em Barcellos o nosso estimavel amigo sr. padre Julio Candido da Costa, digno reitor de Villa de Punhe (Vianna do Castello).

Annuncios

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Convite

A direcção da minha presidencia, para commemorar, no dia 6 do proximo janeiro, o 27.^o anniversario d'esta associação — que nos recorda um melhoramento para a nossa terra, alcançado e sustentado á custa de muitos sacrificios — resolveu fazer os festejos seguintes:

Missa, ás 10 horas da manhã, no templo da Ordem Terceira, com a assistencia da direcção,

e corpo activo e banda, sufragando a alma dos socios fallecidos;

Sessão solemne, á 1 hora da tarde, no edificio social, para distribuição, a alguns socios activos, das recompensas que lhes confere o regulamento, por terem completado periodos entre 5 e 20 annos de bom e effectivo serviço;

Simulacro de incendio, pelo corpo activo, ás 4 horas da tarde;

Illuminação da fachada do edificio e do largo José Novaes que tambem será ornamentado e onde, em coreto, tocará a respectiva banda, das 6 ás 8 horas da noite;

Ceia, no salão do edificio, ás 8 horas da noite, promovida pelo corpo activo, mas para que tambem se poderão inscrever outros quaesquer socios.

Tenho, pois, a honra de, por este meio, convidar todos os ex.^{mos} socios e suas ex.^{mas} familias, a assistir, aos festejos projectados, concorrendo, assim, para maior brilhantismo d'elles.

Barcellos, 28 de dezembro de 1910.

O presidente, Manoel Ramos de Paula.

PROPRIEDADES EM BARCELLOS Vendem-se

Um eirado denominado da Esparrinha, na freguezia de Arcuzello, composto de casa torre e terrea, terreno de horta, com ramadas e arvores de fructo, terra de matto, com pinheiros e sobreiros. E' de natureza allodial.

Um campo de terra lavradia com uveiras, denominado do Rego, sito no lugar da Lameira, freguezia de Arcuzello. E' de natureza allodial.

Uma leira de lavradia com uveiras denominada da Agra, sita na freguezia de Arcuzello. E' de natureza allodial.

Uma leira de terra lavradia denominada da Agra sita no lugar de Sandim, freguezia de S. João de Villa Boa. E' de natureza allodial.

Os predios em Barcellos podem vêr-se todos os dias.

Para esclarecimentos na quinta de Arcuzello, José Pereira Gomes e para tratar, no Porto, com o liquidatario na rua Nova de S. Domingos n.º 42, das 10 horas da manhã ás 4 horas da tarde.

Por a commissão liquidataria, Emilio d'Oliveira e Costa.

ESCRITORIO DO BANCO

Aluga-se o escritorio ao réz do chão da casa do Banco de Barcellos, abrindo uma das portas do largo da Porta Nova, e fechando a porta interior, por onde tem sido a entrada.

Quem pretender, deve mandar proposta por escrito até 31 de Janeiro proximo á

Gerencia do Banco.

VILLA COVA

Manoel Rodrigues de Souza, da freguezia de Villa Cova, concelho de Barcellos, offerece o seu prestimo aos seus amigos e patricios, em S. Bento, Rio Grande do Sul—Brazil.

Companhia de Seguros «Bonança»

Sociedade anonima de responsabilidade limitada.

Capital: 1.568:000\$000 de réis.

A mais antiga Companhia de seguros do paiz. Fundada em 1808.

Dá o sétimo anno de bonnus aos segurados.

Séde da Companhia—Rua Aurea, n.º 100—Lisboa.

Correspondente em Barcelinhos, Caetano de Macedo de Faria Gayo.

Companhia União de Crédito Popular

Séde—rua D. Pedro, n.º 53 PORTO

O encarregado da Succursal d'esta companhia, em Barcelinhos, aviza os srs. mutuarios que tenham penhores n'esta succursal, para os reformar até ao dia 5 do proximo mez de janeiro.

Os que não forem reformados até esse dia, serão vendidos em leilão, conforme as condições estabelecidas.

A mesma succursal continua a dar dinheiro sobre todos os objectos que representem valor.

Rua Emygdio Navarro—Barcelinhos.

LOJA DO POVO

-DE-

João de Sousa

RUA D. ANTONIO BARROSO BARCELLOS

SEMPRE:

Magnifico sortido de flannels pretas, piquets, diagonaes e casimiras de cor, para fatos de sobrecasaca, casaca frak e palletot.

Brica colleção de phantasias para vestidos, etc.

Flannels, chitas, morins, pannos crus, riscados, etc., etc.

Completo sortido de miudezas e tecidos para forros

em compre sem ver o sortido d'est casa, que tem por norma:

Vender barato para vender muito.

PHARMACIA DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

Edificio do Hospital

Director—Abelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

—Esmerado sortimento de todos os artigos que guarnecem uma boa pharmacia. Agencia de seguros.

Companhia de Seguros

«Fraternidade»

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital—200.000\$000 reis

Setimo anno de bonnus aos srs. segurados

Est companhia effectua seguros maritimos e terrestres a preços rasoaveis. Tem agentes em todas as localidades da provincia do Minho.

Sede em Braga.

Agente em Barcellos.

Eduardo Illydio Vieira Ramos

Adubações accomodadas ás culturas

Alem de marcas feitas para muitas culturas existem á venda das melhores casas de Lisboa os «componentes» de todas as adubações apropriadas ás diversas culturas:

Nitrato de sodio

Sulfato de ammonio

Superphosphatos de cal

Phosphato Thomaz

Chloreto de potassio

Sulfato de potassio

Gesso, etc. etc. etc.

Ha sempre o maximo escrupulo na preparação dos adubos encomendados para que os seus effectos sejam seguros.

Prestam-se esclarecimentos quando sejam precisos ou exigidos para a applicação d'estes mesmos adubos.

Pedidos a

JOAQUIM GONÇALVES DA SILVA MATTOS

Affidior e medidor official da Camara Municipal de Barcellos

RUA FARIA BARBOSA, 49

Todos os adubos consumidos nos ultimos dois annos, —por signal com extraordinarios resultados—teem sido fornecidos exclusivamente pela importante e acreditadissima Casa Herold & C.ª de Lisboa.

Pharmacia e Drogaria

CARLOS MARIA VIEIRA RAMOS

Pharmaceutico

Rua Barjona de Freitas—Barcellos

Serviço permanente

Deposito de productos chimicos e pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros—Aguas mineraes—Algalias—Fundas—Seringas—Irrigadores—Thermometros—Muitas outras especialidades.

Completo sortido de tintas, oleos, alvaiades, vernizes, pincois, etc.—Medicadade res preços.—Pulverisadores dos melhores

O „MUNDO ELEGANTE“

Illustração Universal

DIRECTOR—A. de SOUSA

Magnifica publicação de litteratura e modas

Edição completa ou dois numeros por mez, sendo um consagrado a modas e musica e outro a litteratura, bellas artes, theatro viagens, etc.

Redacção e administração Paris Rue Bergere, 30-bis

Encyclopedia das Familias

Revista illustrada de instrucção e recreio

A encyclopedia mais util e economicamente que se publica em Portugal. Cada anno de 12 numeros, —800 reis, numero avulso, 100 reis. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor Manoel Lucas Torres, rua Diario de Noticias, 93—Lisboa.

A MODA ILUSTRADA

Jornal das familias

Publicação semanal

Directora—D. Leonor Maldonado

Explendido jornal de modas contendo, em magnificas gravuras a preto e coloridas, todas as novidades em chapéus, toilettes, phantasias e confecções tanto para senhoras como para crianças.

Moldes cortados em tamanho natural.

Cada numero «Moda Illustrada» é acompanhada de um numero

do «Petit Echo de la Broderia», jornal especial de bordados em todos os generos.

80 e 100 reis por semana no acto da entrega.

Assigna-se em todas as livrarias e na do edito Antiga casa Bertrand—José Bastos

Rua Garrett, 75 LISBOA.

ANTIGA CASA MARQUES

SUCCESSOR

Manoel Joaquim Coelho Gonçalves

Rua D. Antonio Barroso—(Antiga Rua Direita) —BARCELLOS—

Completo sortido de ferragens nacionaes e estrangeiras. Ferro T e arame para ramadas. Arcos de ferro para vasilhas. Camas de ferro, lavatorios e colchões. Carboneto, tintas e vidros. Sulfato de cobre e enxofre.

Pulverisadores de todos os systemas Ferro e aço de todas as dimensões, para ferreiro. Carvão de forja. Legitimos «Gobet» e «Vermorel». Bambus e demais accessorios. Ferragens completas para limpadores, arados e esmagadores. Arados e charruas de ferro. Bicos e parafusos para os mesmos. Charrutes e bombas aos preços da fabrica. Agente das celebres bombas de pressão «Klein» Prensas para espremer bagaço, systema «Mabbili» e outros. Cofres á prova de fogo. Preços modicos. Qualidade garantida.

Aguas de S. Vicente—(Entre-os-Rios

E' poderosa a sua acção nas affecções chronicas dos orgãos respiratorios, estomago, figado, intestinos, aparelho urinario e pelle.

Esta estancia e Grande Hotel de S. Vicente abertas de 24 de maio a 15 de outubro.

Deposito em Barcellos

Pharmacia

Carlos Maria Vieira Ramos

«O Commercio de Barcellos»

SEMANARIO MONARCHICO

Redacção, administração e typographia:

Rua D. Antonio Barroso, 46

ASSIGNATURAS:

[Pagamento adiantado]

Barcellos:	trimestre.....	300 reis
	6 meses.....	600 »
No Paiz	trimestre.....	360 »
	6 meses.....	720 »
Brazil	anno.....	2\$400 »

PUBLICAÇÕES

Annuncios, cada linha....	30 reis.
Repetição.....	20 »
Communicados, linha.....	40 »

—Os srs. assignantes teem 25 % d'abatimento.

—Annuncios litterarios, gratis, mediante um exemplar á redacção.

—Annuncios-reclame annuaes, contracto especial.

Grandes armazens de fazendas

—de—

Aurelio Ramos

O mais importante estabelecimento do Minho e que mais barato vende.

Largo da Porta Nova e Rua Barjona de Freitas—B. Barcellos

TUDO MAIS BARATO

Do que em parte alguma

Ninguem compre nada sem ver os novos preços, com desenhos Casa de mais de 100.000 artigos - Freire-Gravador, grandes reduções em tudo.



Peçam gratis o novo catalogo geral n.º 3 que acaba de ser publicado, que deve existir em todas as casas, consta de Talheres, Carimbos, Ferragens, Papelaria e prensa de copiar. Livros em branco. Colleiras, navalhas de barba e todos os artigos de barbeiro, aneis, agua de pintar o cabelo, numeradores, typographias portateis, letras e chapas esmaltadas, fogareiros a petroleo e alcool, filtros, balanças, fogões par quarto, machinas de manteiga, carne e amendoa, ferros de frisar, carteiras, mallinhas e monogrammas em prata, dourador em casa, ganchos para roupa, lacre, ferros para selar a chumbo, candieiros, ratoeiras, barbeiro em casa, binoculos, canetas com tinta permanente, moinhos para café, sobonete de tirar nodos, crepons, esporas, sellos em branco, aparelhos de gymnastica, campainhas, galheteiros, machinas para cortar cabelo, brinquedos, facturas, bilhetes talões, rotulos a cores, retratos a crayon — tudo seccção completas de todos os artigos no genero, com officinas, fabricas diversas, premiado com 3 medalhas de ouro, FREIRE-Gravador, Rua do Ouro, 158 a 164— LISBOA

BIBLIOTHECA DE EDUCACÃO NACIONAL

AS MENTIRAS CONVENCIONAES

DA NOSSA CIVILISAÇÃO

Por Max Nordau

Traducção de Agostinho Soares

Tradueção mensal de elegantes volumes de duzentas paginas pela insignificante quantia de 200 reis em brochura, e 300 reis encadernado!!! Por tão insignificante quantia não se instrue quem não quer!

Condições d'assignatura, (pagamento adiantado por valle do correio ou em estampilhas postaes, por carta registada), franco de porte:

Anno, 12 volumes, brochado.....	2\$400
Meio anno, 6 volumes ».....	1\$200
Avulso.....	200

Anno, 12 volumes, encadernado.....	3\$600
Meio anno, 6 volumes, ».....	1\$800
Avulso.....	300

A' venda em todas as livrarias, correspondentes de provincia e no editor—ABEL ALMEIDA.

Rua do Alecrim, 80 82—Lisboa.